



RECENSÃO

O Pluralismo Religioso em questão Claudio de Oliveira Ribeiro (org.)

Marcelo Barros¹

Esse é o novo livro de Cláudio de Oliveira Ribeiro, depois do fundamental “O Princípio Pluralista” (Loyola, 2020) e de vários livros coletivos dos quais Cláudio é o organizador como “O Princípio Pluralista em Debate”(Recriar, 2021), “Diversidade Religiosa e o Princípio Pluralista” (Recriar, 2021) e “Princípio Pluralista e Decolonialidade” (Recriar, 2022).

Um livro elaborado coletivamente ou composto por artigos de diferentes autores, tem seu valor. No entanto, corre o risco de informar sobre diversos assuntos, ou estudar enfoques variados do mesmo assunto, sem aprofundar nenhum, até porque o tamanho de cada artigo não permite... e não é mesmo a finalidade do livro. Além disso, à medida que a Teologia passou a figurar dentro da Academia no mesmo quadro das Ciências da Religião, compreende-se que surjam livros, cuja natureza ou objetivo principal é que o nome dos autores figure nos currículos e ganhe créditos acadêmicos.

Não é o caso de um livro como esse “Princípio Pluralista em questão”, até porque, nesse caso, os textos não pertencem a autores diversos, visto que todos são coautores que escreveram junto com o próprio Claudio de Oliveira Ribeiro e isso garante ao livro maior unicidade de foco.

O primeiro capítulo - *A pluralidade religiosa global em questão* -, escrito com Clarissa de Franco, ajuda a clarear os conceitos de diversidade e pluralidade e como se distinguem do conceito de pluralismo cultural e religioso. Se falássemos na linha de ver, julgar e agir, esse capítulo cumpre bem a tarefa do ver, ou seja, apresentar a realidade das religiões no mundo e no Brasil.

Nesse contexto, a pluralidade seria a realidade de um mundo diverso e pluricultural. O pluralismo, ou os pluralismos seriam os movimentos necessários, conscientes ou até “naturais” em uma sociedade multiétnica e diversificada, para vivenciar e promover a convivência pacífica e, mais do que isso, a colaboração recíproca entre culturas e, se possível, entre caminhos espirituais e religiões.

O texto sobre *Polidoxia*, escrito com Angélica Tostes, parte do princípio que as expressões religiosas são sempre polissêmicas e aprofunda a relação entre religião e cultura. A intenção dos autores não parece ser a de trazer novidades e sim clarear mais algumas noções: o debate sobre a própria noção de polidoxia, assim como o diálogo interfétes que segue além do

¹ Marcelo Barros é monge beneditino, teólogo e assessor de movimentos sociais e das comunidades eclesiais de base. Tem 58 livros publicados no Brasil, dos quais o mais recente *Os segredos do nosso encanto. O que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras*, foi publicado pela editora Recriar.

diálogo interreligioso. Ao ler esse excelente estudo, alguém pode se perguntar por que, ao falar a partir da América Latina, nem se aludiu ao conceito de macro ecumenismo que, embora nunca tenha sido aceito oficialmente por nenhuma Igreja, foi incorporado pelas diversas pastorais sociais e está em livros como “Espiritualidade da Libertação” da autoria de Pedro Casaldáliga e José Maria Vigil (da coleção Teologia e Libertação, Vozes, 1996).

Talvez a contribuição mais importante desse texto seja relacionar a Polidoxia à Teologia Apofática, embora os autores pudessem ter desenvolvido mais essa perspectiva e ressaltar as diferenças fundamentais entre uma e outra (diferença de objetivo e que toca no conteúdo).

O artigo *Modelos de interpretação teológica das Religiões* faz boa síntese dos tais modelos clássicos com os quais a Teologia Cristã das Religiões olha as outras tradições. Essas posturas, ou seja - exclusivismo, eclesiocentrismo, inclusivismo, são mais centradas no Cristocentrismo mais aberto ou menos aberto, não dão conta da real complexidade do assunto e todas acabam sendo olhares a partir do Cristianismo que se toma a si mesmo como referência. Nesse sentido, são temas mais voltados à Teologia ecumênica cristã do que um estudo no contexto de Ciências da Religião.

Novamente, os autores ficam a nos dever uma abordagem mais ligada às religiões populares no nosso país e continente. É claro que quando o teólogo luterano Gottfried Brakemeier afirma que todas as religiões são em si exclusivistas, ele se refere às grandes religiões consideradas monoteístas. Entre nós, como afirmar que o Candomblé é uma religião exclusivista? Por várias razões, como sua inserção nas diversas culturas afro, a própria noção de exclusividade é inadequada às religiões negras e indígenas.

Nesse capítulo, também se poderia discutir outros aspectos. Por exemplo, os autores afirmam que a aceitação das outras religiões como caminhos salvíficos permanece um desafio para a “teologia católica das religiões”. Será mesmo que, depois de mais de 60 anos do Concílio Vaticano II e da participação da Igreja Católica em organismos ecumênicos, ainda se pode falar em uma “teologia católica das religiões”, assim como seria falar em uma (e não várias) teologia protestante ou ortodoxa ou pentecostal?

Talvez um elemento que está por trás disso tudo e precisa ser mais discutido é “*quem é Deus?*” ou “*como falamos de Deus?*”. Se Deus é Amor e salva gratuitamente, e todas as Igrejas, ao menos oficialmente, concordam com isso, a Soterologia muda muito. O próprio papa Francisco tem dito publicamente: “*Deus é o Deus da Vida e não da religião*”. E já disse também: Jesus não fundou religião. Indicou caminho para a vida.

Na audiência geral de 22 de novembro de 2023, podemos citar uma das tantas exortações do Papa Francisco, esta sobre o risco do fechamento que pode assolar os cristãos:

A tentação maior é considerar o chamado recebido como um privilégio. Por favor, não, o chamado não é um privilégio, nunca. Não podemos dizer que somos privilegiados em relação aos outros. O chamado é para um serviço. E Deus escolhe um para amar a todos, para alcançar a todos. (FRANCISCO, Audiência Geral, 2023)

Certamente, isso traz consequências importantes para a atual discussão sobre a Soterologia.

Provavelmente, de todos os textos do livro, o que traz mais contribuições originais para esse debate é o quarto capítulo que Claudio Ribeiro escreve com Magali Cunha: *Perspectivas teológico-pastorais do movimento ecumênico internacional para o diálogo interreligioso*. O texto faz uma excelente síntese da história do Movimento ecumênico internacional e dos documentos e declarações do CMI sobre ecumenismo e diálogo, textos até hoje pouco divulgados no Brasil. Os autores fazem essa síntese a partir da perspectiva de uma teologia aberta e a partir do povo oprimido como lugar teológico e pastoral.

Precisamos compreender que, tanto na Igreja Católica como nas Igrejas membros do CMI, até há pouco tempo, as relações e documentos tocavam na relação entre a Igreja e pessoas de outras religiões - homens de outras religiões -, como se não se reconhecesse a existência e a importância das comunidades e instituições de outras religiões.

Ao ler esse capítulo, ficamos com vontade que os dois autores desenvolvam mais esse texto como um livro incluindo em um apêndice ou segunda parte, documentos do CMI que, nesse texto, citam de passagem.

Se esse quarto capítulo se situa no campo da teologia ecumênica, o quinto capítulo, *O lugar e a importância da concepção do diálogo e da noção de interculturalidade nos estudos de religião*, texto que Claudio escreve com Rita Grassi se situa mais no campo das fronteiras entre Teologia e Ciências da religião. Os autores revisitam as propostas do saudoso e querido Raimon Panikkar, que como filho de um pai hinduísta e de uma mãe cristã, viveu isso na pele. Os autores também nos trazem as contribuições de Catherine Walsh e sua noção de interculturalidade crítica, proposta a partir da inserção na realidade do Equador e da realidade andina.

No último capítulo - *As dimensões de decolonialidade, pluralidade e ecumenicidade no fazer teológico* -, voltamos ao debate mais teológico. Claudio Ribeiro e Elias Wolff discutem as dimensões de decolonialidade, pluralidade e ecumenicidade no fazer teológico cristão e aprofundam o potencial crítico-libertador das religiões na América Latina. Além de uma boa síntese dos diversos elementos contidos em outros textos do livro, os autores valorizam a proposta de Luís Antônio Simas e Luiz Rufino que, a partir das espiritualidades afro, propõem a importância da noção de encantamento e concluem com a proposta de um ecumenismo crítico e profético.

Se o movimento ecumênico tem de ser sempre crítico e profético para ser fiel às suas raízes missionárias em relação ao mundo, a fé cristã precisa de um chão ecumênico para ser profética e essa ecumenicidade da fé é o que está por trás de muitas das páginas desse belo e profundo livro “O Pluralismo Religioso em questão”. Muito obrigado, Cláudio de Oliveira Ribeiro e seus coautores e coautoras.

Livro: **O Pluralismo Religioso em questão**
Organizador e co-autor: **Cláudio de Oliveira Ribeiro**
Editora Pluralidades, São Paulo, 2024.